

AQUI, TODO DIA É 1º DE MAIO

Rio, capital do trabalho no país

Alto índice de informalidade faz com que o carioca cumpra a maior jornada do Brasil há seis anos, segundo IBGE

■ **BERNARDO MOURA**

bernardo.moura@extra.inf.br

■ **DANIELLE ABREU**

dabreu@extra.inf.br

■ **LETÍCIA VIEIRA**

leticia.vieira@extra.inf.br

■ Há 18 anos vendendo doces em uma barraquinha do Centro do Rio, Dario Andrade da Silva, de 46 anos, trabalha 60 horas por semana sem qualquer garantia, como carteira assinada. Ele acorda às 6h da manhã para ajudar sua esposa a preparar as guloseimas. Segue pela Via Dutra de sua casa, em Nova Iguaçu, até o Centro, onde monta a barraca. De lá, sai apenas às 18h.

A pesada jornada enfrentada por Dario é compartilhada por 36,5% dos cariocas que dedicam mais de 45 horas semanais ao trabalho. Informais como ele, são 22,7% em toda Região Metropolitana. Os dados constam da Pesquisa Mensal de Emprego, do

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativa a março.

O Rio é líder no percentual dos que mais trabalham — a média nacional é de 31%. A Cidade Maravilhosa também está no topo da informalidade: foram registrados 19% sem carteira assinada.

Sem garantias

Para o gerente de emprego do IBGE, Cimar Azeredo, um índice está ligado ao outro. Quando não há garantias trabalhistas, as horas dedicadas a um ofício tendem a ser maiores.

— Quando a formalidade dos empregos aumenta, a tendência é de queda nas horas trabalhadas — analisa.

Azeredo lembra que o Rio é líder nas horas de trabalho desde o início da série histórica da Pesquisa Mensal de Emprego, iniciada em março de 2002. Ele atribui a falta de

políticas de estímulo à formalização dos empregos como uma das causas. Durante o ano de 2007, o Rio compartilhou com Salvador e Recife o pódio da informalidade.

Liderando a campanha pela redução da jornada de trabalho, Arthur Henrique Silva, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT) concorda com o IBGE. Ele afirma que, por conta dessas distorções, a diminuição dos turnos é necessária:

— O Dieese constatou que, com a redução, mais dois milhões de empregos serão criados. Assim, essa mão-de-obra informal será incorporada.

Para o camelô Dario, porém, o mercado formal ainda não parece interessante:

— Trabalho de carteira assinada? Só se fosse para ganhar muito bem.

NA PÁGINA 33, AS CARREIRAS

COM AS MAIORES E MENORES

JORNADAS >>



DARIO (DE COSTAS) trabalha 60 horas por semana, mas não quer saber de carteira assinada

.....

Distribuição está mal feita, diz especialista

■ O vendedor de loja Paolo Sampaio, de 24 anos, chega todo dia no trabalho às 9h30m e, apesar de o horário oficial de saída ser às 16h, vai embora por volta das 20h. O objetivo: ganhar mais comissão e aumentar o rendimento no final do mês.

— Trabalho muito, é desgastante mas não tem jeito! O brasileiro tem que ralar muito mesmo para conseguir as coisas. Já trabalhei em um escritório em que entrava às 8h e saía às 19h — contou Paolo, que vai ser pai este ano.

Economista especializado em mercado de trabalho e presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Marcio Pochmann tem o diagnóstico para a longa jornada que aflige os brasileiros: a má distribuição do

trabalho no país. Segundo ele, se houvesse uma divisão igualitária, não haveria gente ocupada demais nem de menos, caso dos desempregados.

— Quase 10% da população tem jornada zero, ou seja, não têm emprego. Outros tantos, gostariam de trabalhar mais do que a jornada parcial, de até 15 horas. Por isso sobra para tantos a jornada excessiva. Isso sem contar os sete milhões de aposentados que voltaram para o mercado de trabalho e as cinco milhões de crianças de até 16 anos trabalhando irregularmente.

O que está por trás disso, segundo ele, é o baixo rendimento. A participação da renda do trabalho do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro caiu de 50% em 1980 para 39% em 2005.



PAOLO TRABALHA até mais tarde para faturar comissão extra

AQUI, TODO DIA É 1^º DE MAIO

Muitas outras mudanças no caminho do trabalhador

Fim da demissão sem justa causa e do imposto sindical podem ser votados este ano

■ O professor de matemática Eduardo Vicente do Couto, de 47 anos, não será afetado caso a jornada de trabalho semanal passe de 44 horas para 40. A dele dura quase 73 horas. E não é de hoje: a rotina já se repete há 26 anos.

O dia de trabalho de Eduardo começa às 7h30 e só termina depois das 22h. E não é apenas o amor à profissão que leva o mestre a passar a

maior parte de seu dia dentro de uma sala de aula. Por trás do esforço, está a necessidade de aumentar a renda:

— Tenho um filho fazendo medicina e outra com 18 anos. A despesa é muito grande, e o serviço público paga pouco. Além de dar aulas em duas escolas públicas, acabo lecionando em cinco unidades de um curso pré-vestibular e numa universidade par-

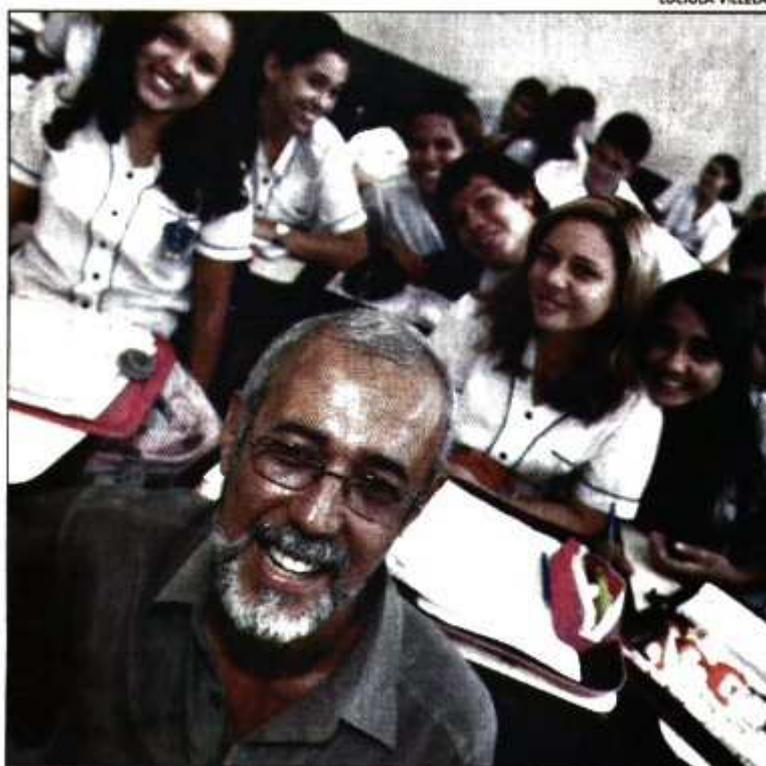
ticular — contou o professor.

Mais alterações

O projeto de redução da jornada de trabalho, entretanto, não é a única mudança prevista este ano para os trabalhadores. O presidente Lula apoiou a proposta que ratifica a convenção 158 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Se for aprovada — agora tramita na Câ-

mara —, será proibida a demissão sem justa causa. Para dispensar um funcionário, o patrão terá de apresentar razões por escrito, que poderão ser contestadas.

Além disso, este pode ter sido o último ano do imposto sindical. O Congresso deve votar, até o fim de 2008, a taxa negocial, que está sendo acertada entre patrões, governo e empregados.



LUCIOLA VILLELA

EDUARDO VICENTE: jornada semanal chega a quase 73 horas

Médicos trabalham mais de 49 horas

■ Se o mercado informal explica, em parte, a pesada jornada de trabalho do carioca, de 44,06 horas semanais, o mercado formal, dependendo da atividade, justifica a outra. Levantamento do economista Marcelo Neri (FGV), baseado nos dados da população em idade de trabalho, apontou as carreiras que dedicam mais tempo ao ofício.

Os profissionais da área de saúde lideram o ranking. A jornada desses trabalhadores é bem superior à exigida por lei. Os médicos trabalham até 49,85 horas por semana, e os enfermeiros, 46,98.

Entre as carreiras com menos horas trabalhadas, estão as de ciências humanas. Na lanterna, aparecem as áreas de psicologia, com 36,60 horas; pedagogia, com 37,26; e letras, com 37,26 horas.

Pouca instrução

A longa jornada não se restringe aos de maior nível de instrução. Quem concluiu a alfabetização de adultos trabalha 47,15 horas semanais. Outros, com ensino fundamental incompleto, 46,60h.

ARTE DE BETO BARRETO

As carreiras com as maiores jornadas

1) Medicina	49,85
2) Enfermagem	46,98
3) Militar	46,92
4) Ciências Econômicas	46,34
5) Ciências Contábeis	46,34
6) Engenharia	45,83
7) Administração	45,50
8) Direito	45,28
9) Geologia	45,21
10) Letras e Artes	44,36



As carreiras com as menores jornadas

1) Psicologia	36,60
2) Pedagogia	37,26
3) Letras	37,56
4) Ciências Sociais	37,58
5) História	37,66
6) Biologia	38,06
7) Odontologia	38,09
8) Serviço Social	38,58
9) Biblioteconomia	38,63
10) Ciências	38,86

Fonte: CPS/IBRE/FGV, a partir dos microdados do Censo Demográfico de 2000/IBGE